# Lição 5: A Física determina quais são as causas e quantas espécies de causas existem

*Bekker: 194 b 16-195 a 27*

176. Tendo mostrado o que a ciência natural considera, o Filósofo aqui começa a designar as causas a partir das quais ela deve demonstrar.

Esta seção divide-se em duas partes. Primeiro ele trata das causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Agora, as causas...' (198 a 23; L11 #241), ele aponta as causas a partir das quais a ciência natural deve demonstrar.

Quanto à primeira parte, ele faz duas considerações. Primeiro mostra a necessidade de tratar das causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Num sentido...' (194 b 23 #177), ele começa a tratar das causas.

Diz, portanto, primeiro que, após ter sido determinado o que cai sob a consideração da ciência natural, resta considerar as causas — o que são e quantas são.

Isto é assim porque a ocupação de estudar a natureza não é ordenada à operação, mas à ciência. Pois não somos capazes de fazer coisas naturais, mas apenas de ter ciência delas.

Ora, não pensamos que conhecemos algo a menos que apreendamos o 'porquê', que é apreender a causa. Portanto, é claro que devemos observar a geração e a corrupção e toda mudança natural de tal modo que conheçamos as causas e que reduzamos à sua causa próxima cada coisa sobre a qual buscamos o 'porquê'.

Ele diz isso porque a consideração das causas enquanto causas é própria da filosofia primeira. Pois uma causa enquanto causa não depende da matéria para sua existência, porque a natureza [*ratio*] da causa também é encontrada naquelas coisas que são separadas da matéria. Mas a consideração das causas por uma certa necessidade é assumida pelo filósofo natural. Contudo, ele considera as causas apenas enquanto são as causas das mutações naturais.

177. Em seguida, onde diz: 'Num sentido...' (194 b 23), ele trata das causas.

Quanto a isso, ele faz três considerações. Primeiro, nomeia as espécies claramente diversas de causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Mas o acaso também' (195 b 31; L7 #198), ele trata de certas causas menos óbvias. Em terceiro lugar, onde diz: 'Elas diferem...' (197 a 36; L10 #226), ele mostra que as causas não são nem mais nem menos.

A primeira parte divide-se em duas partes. Primeiro, ele trata das espécies de causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Agora, os modos...' (195 a 27; L6 #187), ele trata dos modos das diversas causas em cada espécie.

Quanto à primeira parte, ele faz duas considerações. Primeiro, expõe as diferentes espécies de causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Todas as causas...' (195 a 15 #184), ele as reduz a quatro.

Quanto à primeira parte, ele faz duas considerações. Primeiro, expõe as diferentes causas. Em segundo lugar, onde diz: 'Como a palavra...' (195 a 3 #182), ele aponta certas consequências que se seguem da diversidade acima mencionada.

178. Diz, portanto, primeiro que de um modo diz-se que é causa aquilo a partir do qual algo vem a ser quando está presente nele, como se diz que o bronze é a causa de uma estátua e* a prata a causa de um vaso. Os gêneros dessas coisas, i.e., o metálico, ou o liquefazível, e tais coisas, também são chamados de causas dessas mesmas coisas.

Ele acrescenta "quando está nele" para diferenciar esta causa da privação e do contrário. Pois a estátua, de fato, vem a ser a partir do bronze, que está na estátua quando ela é feita. Ela também vem a ser a partir do informe, que, no entanto, não está na estátua quando ela é feita. Daí o bronze ser uma causa da estátua, mas o informe não, uma vez que é apenas um princípio *per accidens*, como foi dito no Livro I [L13 #112].

179. Em segundo lugar, diz-se que uma causa é a espécie e o exemplar. Isso é chamado de causa na medida em que é a natureza quididativa [*ratio*] da coisa, pois é por meio disso que conhecemos de cada coisa "o que ela é".

E, como foi dito acima que até os gêneros da matéria são chamados de causas, também os gêneros de uma espécie são chamados de causas. E ele dá como exemplo a harmonia musical chamada oitava. A forma de uma oitava é uma proporção do dobro, que é uma relação de dois para um. Pois as harmonias musicais são constituídas pela aplicação de proporções numéricas aos sons como à matéria. E, como o dois ou o dobro é a forma daquela harmonia que é a oitava, o gênero do dois, que é o número, também é uma causa. Assim, assim como dizemos que a forma da oitava é aquela proporção de dois para um que é a proporção do dobro, também podemos dizer que a forma da oitava é aquela proporção de dois para um que é a multiplicidade. E assim todas as partes que são colocadas na definição são reduzidas a este modo de causa. Pois as partes da espécie são colocadas na definição, mas não as partes da matéria, como é dito na *Metafísica*, VII:10. Nem isso é contrário ao que foi dito acima [L3 #163] sobre a matéria ser colocada nas definições das coisas naturais. Pois a matéria individual não é colocada na definição da espécie, mas a matéria comum o é. Assim, carne e ossos são colocados na definição de homem, mas não esta carne e estes ossos.

A natureza da espécie, portanto, que é constituída de forma e matéria comum, está relacionada como causa formal ao indivíduo que participa de tal natureza, e até esse ponto diz-se que as partes que são colocadas na definição pertencem à causa formal.

Deve-se notar, no entanto, que ele propõe duas coisas que pertencem à quididade da coisa, ou seja, a espécie e o exemplar. Pois há uma diversidade de opiniões sobre as essências das coisas.

Platão sustentou que as naturezas das espécies são certas formas abstraídas, que ele chamou de exemplares e ideias, e por causa disso ele propôs o exemplar ou paradigma.

No entanto, aqueles filósofos naturais que disseram algo sobre a forma colocaram as formas na matéria, e por causa disso ele as nomeou espécies.

180. Em seguida, ele diz que aquilo de onde há um começo de movimento ou repouso é de alguma forma chamado de causa. Assim, quem dá conselho é uma causa, e o pai é uma causa do filho, e tudo o que provoca uma mudança é uma causa daquilo que é mudado.

Deve-se notar com referência a causas desse tipo que há quatro tipos de causa eficiente, a saber, a causa aperfeiçoadora, a preparadora, a auxiliadora e a conselheira.

A causa aperfeiçoadora é aquela que dá cumprimento ao movimento ou mutação, como aquela que introduz a forma substancial na geração.

A causa preparadora ou disponente é aquela que torna a matéria ou o sujeito adequado para sua realização final.

A causa auxiliadora é aquela que não opera para seu próprio fim adequado, mas para o fim de outro.

A causa conselheira, que opera nas coisas que agem por causa de algo proposto a elas, é aquela que dá ao agente a forma através da qual ele age. Pois o agente age por causa de algo proposto a ele através de seu conhecimento, que o conselheiro lhe deu, assim como nas coisas naturais diz-se que o gerador move o pesado ou o leve na medida em que dá a forma através da qual eles são movidos.

181. Além disso, ele propõe um quarto modo de causa. Uma coisa é chamada de causa como fim. Isso é aquilo para cujo propósito algo vem a ser, como a saúde é dita ser uma causa de caminhar. E isso é evidente porque responde à questão proposta "por quê". Pois quando perguntamos: "Por que ele caminha?", dizemos: "Para que ele se torne saudável"; e dizemos isso pensando que atribuímos uma causa. E assim ele dá mais prova de que o fim é uma causa do que as outras coisas são causas, porque o fim é menos evidente, na medida em que é o último na geração.

E ele acrescenta ainda que todas as coisas que são intermediárias entre o primeiro motor e o fim último são de alguma forma fins. Assim, o médico reduz o corpo para produzir saúde, e assim a saúde é o fim da magreza. Mas a magreza é produzida pela purgação, e a purgação é produzida por um medicamento, e o medicamento é preparado por instrumentos. Daí todas essas coisas serem de alguma forma fins, pois a magreza é o fim da purgação, a purgação é o fim do

medicamento, e o medicamento é o fim dos instrumentos, e os instrumentos são os fins na operação ou na busca pelos instrumentos.

E assim fica claro que essas coisas intermediárias diferem entre si na medida em que algumas são instrumentos e algumas são operações realizadas por instrumentos. E ele destaca isso para que ninguém pense que apenas aquilo que é último é uma causa no sentido de "aquilo em vista do qual". Pois o nome 'fim' parece se referir a algo que é último. Assim, todo fim é último, não simplesmente, mas em relação a algo.

Ele finalmente conclui que estas são talvez todas as maneiras como o nome 'causa' é usado. Ele acrescenta 'talvez' por causa das causas que são *per accidens*, como o acaso e a fortuna.

182. Em seguida, onde ele diz: "Como a palavra tem..." (195 a 3), ele esclarece três coisas que decorrem do que foi dito sobre as diferentes causas.

O primeiro ponto é que, como há muitas causas, então uma mesma coisa tem muitas causas *per se*, e não *per accidens*. Assim, a arte do escultor é uma causa de uma estátua como causa eficiente, e o bronze é uma causa como matéria. E é assim que, às vezes, muitas definições de uma coisa são dadas de acordo com as diferentes causas. Mas a definição perfeita abrange todas as causas.

O segundo ponto é que algumas coisas são causas umas das outras em relação a diferentes espécies de causa. Assim, o trabalho é uma causa eficiente de um bom hábito, mas um bom hábito é uma causa final do trabalho. Pois nada impede que uma coisa seja anterior e posterior a outra de acordo com diferentes aspectos [*ratio*]. O fim é anterior segundo a razão [*ratio*], mas posterior na existência; o contrário é verdadeiro para o agente. E da mesma forma, a forma é anterior à matéria em relação à natureza [*ratio*] de ser um complemento, mas a matéria é anterior à forma em relação à geração e ao tempo em tudo o que é movido da potência ao ato.

O terceiro ponto é que a mesma coisa é, às vezes, a causa de contrários. Assim, pela sua presença, o navegador é a causa da segurança do navio; pela sua ausência, no entanto, ele é a causa do seu naufrágio.

183. Em seguida, onde ele diz: "Todas as causas..." (195 a 15), ele reduz todas as causas mencionadas acima a quatro espécies. Ele diz que todas as causas enumeradas acima são reduzidas a quatro modos, que são evidentes. Pois os elementos, i.e., as letras, são causas das sílabas, e da mesma forma a terra é causa dos vasos, e a prata de um frasco, e o fogo e tais coisas, i.e., os corpos simples, são causas dos corpos. E da mesma maneira, cada parte é causa do todo, e as premissas em um silogismo são causas da conclusão. E todas essas coisas são entendidas como causas da mesma maneira, a saber, como aquilo a partir do qual algo vem a ser é chamado de causa, pois isso é comum a todas as instâncias mencionadas acima.

No entanto, de todas as coisas enumeradas, algumas são causas como matéria, e algumas como forma, que causa a quididade da coisa. Assim, todas as partes, como os elementos das sílabas e os quatro elementos dos corpos mistos, são causas como matéria. Mas aquelas coisas que implicam um todo ou uma composição ou alguma espécie são entendidas como forma. Assim, a espécie é referida às formas das coisas simples, e o todo e a composição são referidos às formas dos

compostos.

184. Mas aqui parecem haver duas dificuldades.

A primeira é o fato de ele dizer que as partes são causas materiais do todo, enquanto acima (#179) ele reduziu as partes da definição à causa formal.

Pode-se dizer que ele falou acima das partes da espécie que caem na definição do todo. Mas aqui ele fala das partes da matéria em cuja definição cai o todo. Assim, o círculo cai na definição de semicírculo.

Mas seria melhor dizer que, embora as partes da espécie que são colocadas na definição estejam relacionadas ao suposto da natureza como uma causa formal, elas estão, no entanto, relacionadas à própria natureza da qual são partes como matéria. Pois todas as partes estão relacionadas ao todo como o imperfeito ao perfeito, que é, de fato, a relação da matéria com a forma.

Além disso, uma dificuldade pode ser levantada com referência ao que ele diz sobre as premissas serem a matéria das conclusões. Pois a matéria está naquilo de que é a matéria. Daí, falando da causa material acima (#178), ele disse que é aquilo a partir do qual algo vem a ser quando está nele. Mas as premissas estão separadas da conclusão.

Mas deve-se destacar que a conclusão é formada a partir dos termos das premissas. Portanto, em vista disso, diz-se que as premissas são a matéria da conclusão na medida em que os termos que são a matéria das premissas são também a matéria da conclusão, embora não estejam na mesma ordem em que estão nas premissas. Dessa mesma forma, a farinha é chamada de matéria do pão, mas não na medida em que está sob a forma de farinha. E assim, as premissas são melhor chamadas de matéria da conclusão do que o contrário. Pois os termos que são unidos na conclusão são colocados separadamente nas premissas. Assim, temos dois modos de causa.

185. Algumas coisas são chamadas de causas por outra razão, i.e., porque são um princípio de movimento e repouso. E dessa forma, a semente que é ativa na geração é chamada de causa. Da mesma forma, o médico é chamado de causa da saúde segundo este modo; assim também o conselheiro é uma causa segundo este modo, e todo aquele que faz algo.

Outro texto menciona ‘e proposições’. Pois, embora as proposições, no que diz respeito aos seus termos, sejam a matéria da conclusão, como foi dito acima [#184], no entanto, no que concerne à sua força inferencial, elas são reduzidas a este gênero de causa. Pois o princípio do discurso da razão à sua conclusão provém das proposições.

186. Um outro significado de causa é encontrado nas outras causas, isto é, na medida em que o fim ou o bem tem a natureza [*ratio*] de causa. E essa espécie de causa é a mais poderosa de todas as causas, pois a causa final é a causa das outras causas. É claro que o agente age em vista do fim. E da mesma forma foi mostrado acima [L4 #173] a respeito das coisas artificiais que a forma é ordenada ao uso como a um fim, e a matéria é ordenada à forma como a um fim. E nessa medida, o fim é chamado de causa das causas.

Agora, uma vez que ele disse que essa espécie de causa tem a natureza de um bem, enquanto algumas vezes, naquelas coisas que agem por escolha, acontece que o fim é mau, ele antecipa essa dificuldade dizendo que não faz diferença se a causa final é um bem verdadeiro ou aparente. Pois aquilo que parece bom não move senão sob o aspecto [*ratio*] de bem.

E assim, ele conclui finalmente que as espécies de causa são tantas quantas foram mencionadas.

---

Revision #2
Created 27 September 2026 17:42:41 by Admin
Updated 1 October 2026 23:36:51 by Admin